

Nota crítica à “bela morte” vernantiana

TEODORO RENNÓ ASSUNÇÃO
Departamento de Letras Clássicas
Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Crítica à concepção de morte heróica proposta por J.-P. Vernant em “A bela morte e o cadáver ultrajado”. Discussão dos conceitos de morte e mortalidade. Ensaio de demonstração de que a glória da morte cabe a quem mata e não a quem é morto. Estudo das mortes de Pátroclo e de Heitor na *Ilíada* e verificação de que elas, como resultado de erros cometidos por heróis qualificados de *népioi*, nada têm de gloriosas.

PALAVRAS-CHAVE: Morte heróica, glória, erro, *Ilíada*.

Como o título indica, esta nota visa a criticar brevemente a concepção de morte heróica exposta por J.-P. Vernant no artigo “A bela morte e o cadáver ultrajado”.¹ Ela parte de uma discussão dos seus pressupostos teóricos para chegar ao teste conclusivo constituído pelo confronto desta concepção com o texto mesmo da *Ilíada*. Escusado dizer que o artigo de Vernant abarca temas que não pretendemos discutir aqui, e que o movimento de crítica - cujo alvo é formular outra visão - supõe, na eleição do objeto criticado, admiração e reconhecimento pelo trabalho de uma primeira tematização.

a) O conceito de morte heróica de J.-P. Vernant

Deixemos agora que o próprio J.-P. Vernant faça uma primeira formulação da morte heróica. A “bela morte” (*kalòs thanatós*)², isto é: a morte, no combate, de um guerreiro na plenitude de sua virilidade, “(...) faz aparecer, à maneira de um revelador, na pessoa do guerreiro caído na batalha a eminente qualidade de *anèr agathós*, homem valoroso, homem devotado. Para quem pagou com sua vida a recusa da desonra no combate, da vergonhosa covardia, ela assegura um renome indefectível. (...) Ela eleva o guerreiro desaparecido ao estado de glória por toda duração dos tempos vindouros; e o fulgor dessa celebridade, *kléos*, que adere doravante a seu nome e à sua pessoa, representa o termo último da honra, seu extremo ápice, a *areté* realizada”. (Vernant, 1979, p.31 e 32).

Para destacar melhor o núcleo desta primeira formulação: a relação entre a morte no combate e a glória, recortaremos algumas frases que nos parecem defini-lo bem. Segundo Vernant, é a “bela morte” que assegura ao jovem guerreiro “um indefectível renome”. É ela também que “por toda duração dos tempos vindouros” (...) eleva o guerreiro desaparecido ao estado de glória (...)

Mas vejamos também o primeiro exemplo textual dado por Vernant e o que ele revela. Trata-se de uma frase pronunciada por Heitor pouco antes de sua morte. Deixaremos para mais tarde a importante análise do contexto e nos contentaremos agora em fazer algumas observações

elementares. Eis a frase: “Que eu não morra sem luta nem sem glória, mas realizando algum grande feito para ser ouvido até pelos que virão”. (*Ilíada*, XXII, 304-305).³ O advérbio *akleîôs* “sem glória” sugere, por contraste, que pode haver uma maneira gloriosa de morrer, aquela definida pela negação do advérbio *aspoudí*: não “sem luta”. Mas precisemos bem a seqüência: é o relato de algo grandioso (*méga ti*) que ele faz (*réksas*), no ‘instante da morte’, que chegará às gerações futuras e não a própria morte. E — apesar da simultaneidade gramaticalmente possível entre o verbo “morrer” e o particípio “fazendo” — não tenhamos medo de dizer uma evidência: é preciso ainda estar vivo para fazer algo. A glória pois lhe será atribuída em razão desta “alguma coisa grandiosa” (*méga ti*) que ele terá feito pouco antes de sua morte. A morte, ao contrário, se não nos deixamos enganar por esta vaga simultaneidade gramatical, é o que impede de fazer o que quer que seja. Ainda este exemplo confirma que o ser do herói iliádico se define por seu fazer.

Esta atenção a um detalhe aparentemente insignificante pode despertar desconfiança. A análise de um outro exemplo textual tornará, no entanto, mais explícito o que queremos mostrar. Trata-se de um exemplo citado por Vernant em um momento decisivo de sua demonstração do fundamento metafísico do ato heróico: a última parte do famoso discurso de Sarpédon a Glauco no canto XII da *Ilíada* (310-328). Eis o texto na citação de Vernant: “Se o escapar a esta guerra, declara (Sarpédon), nos permitisse viver a seguir eternamente, abrigados da velhice e da morte, não seria por certo eu quem combateria na primeira linha nem quem te enviaria para a batalha em que o homem adquire a glória ... Mas, como nenhum mortal pode escapar do traspasso, avante, demos a glória a um outro ou que ele no-la dê”. (Il. XII, 322-328).⁴ Pensamos que Vernant teve razão em sublinhar a mortalidade (e a temporalidade) como fundamento último do ato heróico.⁵ Se todavia o feito heróico visa ultrapassar o envelhecimento e a morte, não se segue daí que “ultrapassa-se a morte acolhendo-a em vez de a sofrer (...)” (Vernant, 1979, p.40), já que, como vimos, não é possível fazer coincidir o feito heróico e a morte, a menos que se trate da morte de um outro, do inimigo. É exatamente isto que vemos na última frase do discurso de Sarpédon: adquire-se a glória⁶ pela morte infligida ao inimigo, mas é este que a adquire por ‘nossa’ própria morte. O feito heróico — objeto do canto que atingirá as gerações seguintes — é portanto matar,⁷ ato que, longe de admitir a morte, supõe evidentemente o fato de ainda estar vivo.

Poder-se-ia pensar que para certos guerreiros “menores” a morte é a ocasião de ser pela primeira e última vez mencionados pelo poeta. Entre estes há até mesmo alguns que têm a sorte de ver esboçada pelo poeta uma brevíssima biografia ou um retrato pintado com uma única e rápida pincelada. É possível, claro, se perguntar se este gênero de menção basta para caracterizar uma “glória”, mas há uma outra razão mais forte que impede a pertinência desta hipótese. Ela é lembrada por Nicole Loraux, quando diz que “se a atribuição de um nome e eventualmente de uma história significa conferir atributos inúteis a estas figuras episódicas de guerreiros menores, é que todo o acento do relato recai no caso sobre o matador; para quem o cadáver inerte é uma garantia de glória, e não sobre o morto (...)” (Loraux, 1994, p.41).

Demoramo-nos nesta parte do discurso de Sarpédon apenas porque ela resume de um modo único o fundamento último do ato heróico. Mas no raciocínio de Vernant ela não vinha senão concluir exemplarmente uma tentativa de demonstração que tivera como ponto de partida a história que serve de eixo à trama da *Ilíada*: a cólera de Aquiles. Para além de sua extraordinária suscetibilidade, a razão pela qual Aquiles recusa os presentes oferecidos como reparação por Agamemnon é semelhante à enunciada por Sarpédon na segunda parte de seu discurso. As riquezas oferecidas por Agamemnon são coisas que se pode arrebatou ou comprar; no entanto “a vida (*psykhé*) do homem não pode retornar: ela nem se deixa arrebatou nem tomar, depois que transpuser a barreira dos dentes”. (Il. IX, 408-409). Enfatiza-se aqui o caráter insubstituível da vida ou, em outros termos, a irreversibilidade da morte, enquanto que, além da precisão sobre a temporalidade, o discurso de Sarpédon enfatizava a inexorabilidade da morte. Apesar destas nuances diferenciais, o mérito do recorte de Vernant é precisamente o de ter evidenciado a mortalidade como fundamento ‘metafísico’ do ato heróico⁸. Mas precisemos bem: o termo “mor-

talidade” é de nossa inteira responsabilidade (Vernant jamais o empregou neste artigo) e nós o introduzimos somente para distinguir o fato de ser mortal, isto é a morte enquanto possibilidade, da morte compreendida como evento. A breve análise precedente dos dois exemplos textuais citados por Vernant pode parecer óbvia; ela permite porém descobrir o que nos parece uma imprecisão terminológica deste autor. Pois a morte é seguramente o fundamento do valor do ato heróico, mas somente enquanto possibilidade última e certa para o indivíduo. Esta possibilidade é também, por natureza, indeterminada, mas ela torna-se muito mais iminente em uma situação de guerra. (É como se a guerra tornasse os mortais ainda “mais mortais”). A morte enquanto possibilidade — sempre presente mas ainda mais ameaçante na guerra — coincide exatamente com o que designávamos por mortalidade e o que Heidegger chamou “ser para a morte”. Para que esta possibilidade exista, é preciso evidentemente que o indivíduo esteja vivo. De maneira inversa, a morte como evento representa justamente a perda da possibilidade de morrer (e, conseqüentemente, de viver); ela representa para este indivíduo a imediata impossibilidade do que quer que seja⁹. Não é pois uma “pronta morte” que permitirá ao guerreiro o acesso à glória, mas os feitos heróicos¹⁰ que ele realiza antes de morrer e — é importante dizê-lo mais uma vez — sob o risco iminente de morte, o que conferirá um valor todo especial a seu ato. Donde um certo paradoxo da condição do guerreiro iliádico: dada a natureza da sua tarefa, ele precisa expor sua vida a quase todo momento da guerra; mas para atingir seus objetivos: o feito heróico e a glória, ele precisa também manter-se vivo. É preciso então que ele ao mesmo tempo não seja covarde e seja astucioso o bastante para evitar a morte. É por isso que esta constante exposição da vida, inscrita no supremo valor guerreiro: a coragem, não deverá ser considerada um princípio absoluto de conduta sem observância das circunstâncias nas quais o ato tem lugar. Estas circunstâncias na *Ilíada* designam uma rede complexa de ralações entre os adversários mortais; uma rede cujas coordenadas são quase sempre determinadas pelo jogo, obscuro e incognoscível para o herói, das intervenções divinas. Este conjunto — de uma difícil apreensão (parecendo, em certos momentos, escapar até mesmo ao controle de Zeus) e que tomará a cada instante uma figura singular — se distingue dos processos naturais pelo fato de ser algo mutável e imprevisível.¹¹ É nestas circunstâncias que o mortal age e ele não pode ignorá-las. O que a multiplicidade das cenas guerreiras parece pois nos revelar é que (segundo uma linguagem aristotélica) não basta ser corajoso, mas é preciso ainda saber onde, quando e com quem se deve sê-lo.¹² Porque nesta guerra a mudança e a imprevisibilidade das situações se dão ainda no quadro de uma espécie de lei que quer que os deuses não possam estar sempre de um mesmo lado ou dar continuamente a força e a superioridade a um só dos dois adversários.¹³

A interpretação vernantiana de um derradeiro e célebre exemplo textual nos permitirá ver como, por meio de um sutil deslocamento de sentido, ainda uma vez pôde se introduzir este equívoco conceitual (concernente à morte) do qual falávamos. Trata-se dos dois destinos, ou das duas maneiras de morrer, que Tétis prevê para Aquiles. “Se permanecendo aqui eu combater em torno da cidade dos Troianos, está perdido para mim o retorno, mas minha glória será imperecível; se porém eu chegar a casa, a minha terra pátria, está perdida para mim a nobre glória, mas minha vida (*aión*) terá longa duração e não me atingirá rapidamente o fim da morte”. (Il. IX, 412-416). Eis o comentário de Vernant: “Aquiles não teve sequer que escolher; viu-se inclinado de vez para a vida breve. Predestinado — poder-se-ia dizer por natureza — à bela morte, vivo, ele já está como que impregnado pela aura da glória póstuma para a qual sempre foi designado”. (Vernant, 1979, p.32). Um pouco mais tarde neste mesmo ensaio, Vernant, tentando formular uma lei do heroísmo radical, parece ter retomado a escolha de Aquiles na oração introduzida pelo quando: “O que o herói perde em honras prestadas à sua pessoa viva, quando ele renuncia à longa vida para escolher a pronta morte, ele o torna a ganhar cem vezes mais na glória (...)” (Vernant, 1979, p.40).

Em seu primeiro comentário Vernant sugere, através de uma justaposição, a coincidência entre a escolha automática da vida breve e a vocação à bela morte. No segundo, é a escolha

mesma que se tornou a de uma pronta morte¹⁴. Mas esta substituição quase insensível da vida breve pela pronta morte não se revela possível. Primeiro porque o próprio texto jamais a disse; depois porque, como vimos, uma pronta morte, longe de abrir o acesso à glória, é justamente o que, cortando demasiado cedo sua carreira, impede o guerreiro de fazer o que quer que seja. E se o guerreiro é cantado pelo que fez e ele não soube aproveitar seu tempo para fazer algo de grande, ele não terá chance de aceder à glória. É o que nos parecem indicar as numerosas narrativas, breves e melancólicas como as vidas que elas pretendem representar, de guerreiros de segundo escalão que, por má-sorte ou falta de atenção, morrem antes de ter podido realizar algum feito. Em sua recorrência, elas acabam tendo o ar de uma espécie de *tópos*: o da vida não-realizada e elas não têm evidentemente relação alguma com uma morte gloriosa.

Uma vida breve, no entanto, desde que iluminada pela luz insólita da mortalidade, pode ser composta por feitos cujo número e qualidade sejam suficientes para assegurar a seu autor um renome indefectível, como é o caso de Aquiles. Na *Ilíada* também seria ingênuo crer em um tempo homogêneo e vazio a ponto de ser indiferentemente preenchido pelos atos. cremos, ao contrário, que são os atos (e a maneira de viver) que criam a qualidade diferencial do tempo. A morte, inversamente, representa a cessação do tempo e a impossibilidade do ato. Aquiles será pois cantado pelo que ele soube fazer de seu breve tempo de vida, pelos atos que compõem sua biografia. Sua morte não pode ser objeto do canto senão como o último evento que conclui uma vida heróica.

b) A “bela morte” na *Ilíada*

Já era tempo de procurar alguma distância do raciocínio de Vernant para tentar ver um pouco mais diretamente como as coisas se passam na *Ilíada*. Tentaremos agora colocar à prova o conceito de morte heróica (ou de “bela morte”) no contexto mais largo do conjunto da *Ilíada*. Começamos pelo maior herói: Aquiles. Sua “pronta morte”, da qual Vernant falava, não figura no presente da narrativa da *Ilíada*, isto é, Aquiles não morre na *Ilíada* (mesmo se ele sabe que vai morrer em um futuro próximo). Este fato demanda duas observações. A primeira, uma mera seqüência do que estávamos dizendo, é que o tempo da narrativa da *Ilíada*, ainda que conte poucos dias, basta para que o herói maior realize alguns feitos decisivos e adquira assim uma glória imperecível, sem que seja necessário sabermos exatamente como seu destino se cumpre. A segunda é que, não podendo assistir esta cena de morte, não conhecemos precisamente de que maneira e em quais circunstâncias ela ocorre; e, por conseguinte, a não ser por uma expectativa de coerência, não podemos saber com certeza se ela será uma morte heróica. Mas neste caso a indeterminação não é absoluta, uma vez que Heitor prediz pouco antes de morrer o lugar e os autores desta morte: “(...) Páris e Febo Apolo, mesmo que sejas bravo, te destruirão diante das portas Céias”. (*Il.* XXII, 359-360).

Aquiles, no entanto, não constitui uma exceção entre os grandes heróis. Porque, como bem observou Nicole Loraux, a narrativa épica distingue sempre “cuidadosamente os grandes heróis dos combatentes de menor envergadura: aqueles, quando muito, feridos — e mesmo somente ‘arranhados’ — pela lança e as flechas de seus adversários; estes mortos de imediato e por qualquer golpe, em que ponto seja do corpo que tenham sido atingidos: no fígado ou no ombro, na cabeça ou na perna” (Loraux, 1994, p.29). É daí que talvez advenha esta evidência narrativa: “(...) à exceção de Pátroclo, cuja morte é necessária para que Aquiles enfim saia de sua reclusão, não se matam os grandes heróis de que o relato tem necessidade” (Loraux, 1994, p.29). Seria preciso somente alargar um pouco o quadro desta exceção para incluir a morte de Heitor e talvez também a de Sarpédon. Agora porém continuaremos nosso esboço, tentando analisar brevemente a morte de Pátroclo.

O começo da história da morte de Pátroclo coincide notavelmente com o primeiro sinal de compaixão de Aquiles por seus companheiros (e portanto também do abrandamento de sua

cólera). No fim do canto XI, quando os grandes guerreiros aqueus são feridos e postos fora de combate, ele percebe Nestor que leva em seu carro Macaon ferido. O poeta precisa então: "(...) ele contempla a dura fadiga e a fuga lamentável". (*Il.* XI, 601). Aquiles chama Pátroclo, que sai de sua barraca, "e — comenta o poeta — foi então para ele o começo da desgraça". (*Il.* XI, 604). Porque, enviando Pátroclo para confirmar se é Macaon o ferido, Aquiles dará a Nestor ocasião de sensibilizar seu amigo para o extremo sofrimento do exército aqueu e de lhe sugerir o plano de convencer Aquiles a deixá-lo ao menos, portando suas (de Aquiles) armas, a combater junto com os Mirmidões. É uma espécie de cadeia de compaixão que será aqui posta em movimento. Pátroclo está de tal modo comovido pelas palavras de Nestor que ele só voltará para ver Aquiles após ter dado um socorro médico a Eurípilo ferido. E é chorando muito¹⁵ que Pátroclo se dirige a Aquiles (que, "ao vê-lo se comove") para lhe expor, reprovando sua impiedade, o infortúnio dos Aqueus e lhe propor o plano de Nestor. O poeta então, com presciência da trama, comenta: "Assim disse, suplicando, o grande tolo (*népios*); pois devia suplicar para si mesmo a morte cruel e violenta". (*Il.* XVI, 46-47).

Aquiles enfim abrandando um pouco sua cólera e cede à demanda do companheiro. Mas, mesmo tendo um forte interesse pessoal na obediência de Pátroclo, Aquiles lhe dará um conselho decisivo para que ele não arrisque em demasia a vida: "Escuta até o fim a palavra que porei em teu senso. (...) Tendo afastado das naus o inimigo, retorna; e se o esposo tonante de Hera te conceder conquistar a glória, não queiras sem mim guerrear contra os Troianos belicosos: mais sem-honra me deixarias; e, exultando com a guerra e a carnagem e matando Troianos, não conduzas os nossos para Ílion, para que do Olimpo não intervenha um dos deuses sempre-vivos: aos Troianos muito ama Apolo-que-de-longe-opera; volta para trás, logo que nas naus acenderes a luz da salvação, e deixa os outros lutarem na planície". (*Il.* XVI, 83,87-96). E quando a primeira chama atinge uma nau aqueia, Aquiles chama Pátroclo, ordena e exorta os Mirmidões e faz enfim uma libação orando a Zeus para conceder glória a Pátroclo e, após ter afastado das naus a batalha, fazê-lo voltar são e salvo. Eis como o poeta descreve a resposta do deus: "(...) a este escuta o prudente Zeus. O pai porém concede-lhe o afastar das naus a guerra e o combate, mas nega-lhe que Pátroclo volte salvo do combate". (*Il.* XVI, 249-252).

A primeira ação de Pátroclo basta para apagar o fogo e permitir aos Aqueus retomar fôlego: o golpe de sua lança mata Pirecmes e lança o pânico entre os Peônios. Pouco depois os Troianos fogem. Se ele quisesse seguir à letra o conselho de Aquiles, ele deveria ter parado aí. Cada um dos chefes aqueus mata então um Troiano (Pátroclo abre a série matando Arelíco). Heitor reconhece o momento desfavorável e acaba fugindo por entre a imensa desordem dos Troianos que tentam reganhar Tróia. Neste momento, Pátroclo busca impedir aos Troianos o caminho de retorno e mata doze adversários. Esta matança desperta a reação de Sarpédon, o que acabará levando à morte deste pelas mãos de Pátroclo e ao primeiro grande combate em torno de um cadáver. Ele consegue despojar o cadáver do herói lício e seu triunfo o excita a ir ainda mais longe, fazendo-o esquecer completamente o conselho de Aquiles. O poeta, após este combate encarnecido, diz primeiro a decisão do herói e em seguida comenta: "Pátroclo, exortando os cavalos e Automedonte, pôs-se a perseguir Troianos e Lícios, e foi grandemente desvairado o tolo (*népios*): se tivesse guardado a palavra do filho de Peleu, ele teria evitado a ruim divindade da morte negra". (*Il.* XVI, 684-687). *Népios* já tinha sido usado para qualificar Pátroclo (*Il.* XVI, 46) mas designando então uma espécie de fatal ignorância do futuro. Aqui o termo retoma toda sua significação (de "puerilidade" e de "estupidez") para designar a ausência de senso, a falta de um mínimo de prudência que, tendo de algum modo sido escolhida¹⁶, acabará por lhe custar a vida.

Uma primeira série de assassinatos — são nove os Troianos nomeados — anuncia esta perigosa embriaguez predita por Aquiles e precede a tentativa por Pátroclo de assaltar as muralhas de Tróia. Mesmo ultrapassando muito os estritos limites fixados por Aquiles, Pátroclo tem uma última chance de recuar quando ele é advertido pelo próprio deus: "Três vezes contra um

ângulo da alta muralha marcha Pátroclo, e três vezes o repele Apolo, com as mãos imortais golpeando o brilhante escudo. Mas quando pela quarta vez ele se arremessa igual a um demônio, terrivelmente gritando o deus lhe diz estas palavras aladas: `Retira-te, descendente de Zeus Pátroclo! Não é destino a cidade dos altivos Troianos ser arrasada por tua lança, nem pela de Aquiles, que no entanto é muito melhor do que tu”’. (Il. XVI, 702-709). Pátroclo aqui instantaneamente recua para escapar à cólera do deus, mas é incapaz de se lembrar do conselho de Aquiles e de relacioná-lo à palavra de Apolo. Ele vai pois afrontar Heitor e, tentando matá-lo, ele atinge com uma pedrada homicida seu cocheiro Cébrion¹⁷, um filho bastardo de Príamo. É durante a luta travada pelo cadáver deste que Pátroclo realiza seu último feito. “Três vezes então se atira, páreo para o rápido Ares, pavorosamente gritando, e três vezes mata nove homens”. (Il. XVI, 784-785). O caráter grandioso da façanha que lhe dá uma derradeira glória constitui, por uma espécie de ironia em que não está ausente a *apaté* de Zeus, o signo certo e final de sua próxima morte. Ele já teve sua chance, Apolo desta vez não o previrá mais. O deus se aproxima invisível, lhe bate nas costas e nos ombros com a palma da mão e, rompida a lança e caídos em terra o casco e o escudo, ele desata sua couraça. Eis o apogeu invertido desta *aristéia*, o negativo da euforia desmemoriada: “E um desvario toma seu senso; os membros brilhantes são desunidos; estaca, estuporado”. (Il. XVI, 805-806). Pátroclo tornou-se uma presa fácil e a Euforbo (que arremessa o primeiro golpe) e a Heitor cabe apenas liquidá-lo.

Faremos a seguir uma breve análise da morte de Heitor. Isto é, sem ter a menor pretensão de explorar toda sua riqueza de temas e de detalhes, tentaremos simplesmente traçar um esquema que nos permita dar conta dos eventos principais que compõem a situação e a cena desta morte. Isso nos bastará para ver em que medida neste caso pode-se tratar ou não de uma “bela morte”.

A história da morte de Heitor começa bem antes do desfecho que representa o canto XXII. Ela remonta ao excesso de confiança de Heitor após a vitória do primeiro dia de batalha (como mostra bem seu discurso no fim do canto VIII), à sua incapacidade de reconhecer as mudanças da vontade de Zeus (como o mostra sua recusa da interpretação por Polidamas do presságio da águia e da serpente no canto XII) e também à sua inevitável ignorância do verdadeiro plano de Zeus que é o de dar a vitória aos Troianos apenas para satisfazer o desejo de Tétis e de Aquiles. Ela passa também pela morte facilmente infligida a Pátroclo cujas armas fatídicas serão vestidas por um Heitor que em nada desconfia do grande perigo que estará correndo (ver o discurso de Zeus em Il. XVI, 201-208). Mas ela só se torna irreversível pelo erro do próprio Heitor na assembléia troiana no canto XVIII (246-313)¹⁸. Nesta assembléia noturna Polidamas propõe prudentemente uma retirada ao interior das muralhas da cidade, porque ele sabe que Aquiles se decidiu enfim a combater e que portanto no dia seguinte os Troianos não terão mais nenhuma chance de resistir. Heitor recusa o parecer de Polidamas e, acreditando ainda loucamente em uma proteção especial de Zeus, propõe ao exército permanecer na planície e no dia seguinte afrontar aí Aquiles e os Aqueus. Após o discurso de Heitor, o poeta comenta: “Assim arengava Heitor, e os Troianos o aclamam, tolos (*népioi*)! Palas Atena tomou o senso deles. A Heitor pois, que planeja mal, eles aprovam, e a Polidamas, que delibera bem, ninguém aprova” (Il. XVIII, 310-313).

Como seria de se esperar, uma parte dos Troianos é trucidada e a outra posta em fuga por um Aquiles sedento de vingança. Uma trapaça de Apolo permite ainda a alguns escapar e entrar na cidade, enquanto os Aqueus se aproximam das muralhas. O poeta nota então: “O destino funesto obriga Heitor a ficar ali, diante de Ílion e das portas Céias”. (Il. XXII, 5-6). O que esta situação tem de extraordinariamente desfavorável para Heitor torna-se ainda mais explícito pelo começo da fala desesperada de Príamo: “Heitor, não esperes, meu filho, sozinho longe dos outros, este homem, para que não encontres logo o fatal destino, subjugado pelo filho de Peleu, pois ele é muito mais forte do que tu (...)” (Il. XXII, 38-40). Primeiro a relação de forças com Aquiles e depois o fato de estar sózinho entre uma multidão de adversários desaconselham inteiramente o afrontamento e o tornam mortal para Heitor. Mas sua decisão equivocada na assembléia e seu

aidôs desmedido em relação à comunidade troiana (a megalomania de seu sentimento de responsabilidade) acabarão por perdê-lo. Eis a chave de sua perda, no momento mesmo da deliberação: “Ai de mim! Se eu entrar por estas portas e muralhas, Polidamas será o primeiro a me lançar uma reprovação, ele que propunha que eu conduzisse os Troianos para a cidade, nesta noite funesta em que se levantou o divino Aquiles. Mas eu não o ouvi, e teria sido muito mais vantajoso. Uma vez que agora perdi as tropas por minha louca presunção, envergonho-me diante dos Troianos e Troianas de vestidos roçagantes; e que um outro qualquer pior do que eu não vá dizer: 'Tendo confiado em sua força, Heitor perdeu as tropas'”. (*Il.* XXII, 99-107)¹⁹. Heitor no entanto hesita e, antes de se decidir, chega a imaginar ingenuamente uma proposta pacífica de reconhecimento da derrota. Neste momento não é mais possível voltar, pois Aquiles se aproxima, resplandecendo com o brilho terrível do bronze. “E, quando o percebe, o tremor toma Heitor. E ele não ousa mais permanecer ali, deixa para trás as portas e marcha fugindo; e o filho de Peleu se atira a ele, confiado nos pés ligeiros”. (*Il.* XXII, 136-138). Longe de expor corajosamente sua vida, quando deste primeiro encontro, a reação de Heitor é pois (como a de um covarde, se a julgássemos segundo critérios morais absolutos) a de fugir. O poeta porém, atento como Príamo à situação e à relação de forças entre os dois adversários, não o qualifica de covarde. “À frente fugia um valente, mas perseguia-o um bem mais valente do que ele (...)” (*Il.*, XXII, 158). A perseguição continua e Heitor parece mostrar pelas intenções dos seus gestos que a melhor decisão teria sido a de entrar na cidade e evitar o confronto. “A cada vez que ele toma o impulso de se lançar contra as portas dardânicas para que do alto tentem protegê-lo com dardos, a cada vez Aquiles à frente ultrapassando o faz retornar para a planície: ele próprio (Aquiles) voava sempre do lado da cidade”. (*Il.* XXII, 194-198).²⁰

No plano divino, Zeus, que — apesar de sua compaixão por Heitor — não pode subtraí-lo à morte, acaba por dar seu assentimento a Atena que a partir daí agirá de maneira decisiva. Depois que Zeus pesa as *keres* de Aquiles e de Heitor em sua balança de ouro (e é a de Heitor que desce), Apolo, que acaba de dar a Heitor uma última ajuda, o abandona. Doravante o campo está totalmente liberado para a ação de Atena. Ela se disfarça perfeitamente em Deífobo, irmão de Heitor, e o convence, com sua ajuda, a afrontar Aquiles. É apenas então, enganado por Atena, que Heitor pára enfim de fugir e se decide a combater Aquiles. Mas é uma armadilha: Atena primeiro devolve (sem ser vista por Heitor) a Aquiles a lança que ele perdera em um primeiro golpe que Heitor consegue evitar; e, logo que Heitor perde também sua lança em um arremesso ineficaz e chama Deífobo para lhe pedir uma outra, Deífobo não está mais lá, Atena o fez desaparecer. Heitor compreende então a trapaça e pressente a presença de uma morte inevitável: “Desgraça! os deuses certamente me chamam para a morte. Pois eu pensava que Deífobo, herói, estava presente; mas ele está dentro dos muros e Atena me enganou. Agora não está mais longe a morte cruel, mas próxima de mim, e não há escapatória”. (*Il.*, XXII, 297-301). Apenas pois na seqüência deste discurso e neste contexto preciso, que em si nada tem de edificante, é que se deve entender o heroísmo da última hora de Heitor, contido nesta frase citada tantas vezes (e em algumas delas de modo descontextualizado): “Que eu não morra sem luta nem sem glória, mas realizando algum grande feito para ser ouvido até pelos que virão”. (*Il.* XXII, 304-305). Não haverá grande feito, senão o de Aquiles que liquida Heitor de maneira relativamente banal (excetuando o detalhe — mesmo se necessário para a economia narrativa — ligeiramente grotesco de uma garganta atravessada por uma lança e no entanto ainda falante). No ponto “(...) em que as clavículas separam o pescoço dos ombros, na garganta (...) o divino Aquiles empurra seu pique contra o ardente Heitor. A ponta passa direto através do pescoço delicado; mas o freixo de bronze pesado não corta a traquéia, a fim de que ele dirija algumas palavras respondendo a Aquiles”. (*Il.* XXII, 324-329).

Se agora, para concluir com um breve balanço, retomamos as mortes destes dois grandes heróis e se concentramos nossa atenção no conjunto das cenas descritas pelo poeta antes que no discurso de uma das personagens (sobretudo o de Heitor), podemos constatar que aquelas

nada têm de “belas” nem de “gloriosas” para os que as sofreram. A morte de Pátroclo aparece como conseqüência a princípio do esquecimento do prudente conselho de Aquiles e a seguir de sua incapacidade de perceber o enorme perigo representado por Apolo, mesmo após ter sido advertido pessoalmente pelo deus. Suas façanhas o deixam embriagado e desatento e não fazem senão aproximá-lo de sua própria morte. É a morte de um temerário ou, como bem o diz o poeta, de um *népios*: um “tolo”. A morte de Heitor, por sua vez, mostra um herói enganado a princípio pela desmedida de seu *aidôs* que o impede de avaliar objetivamente a situação e a relação de forças com o adversário. Ela mostra também um herói que, tomado pelo medo, foge desabaladamente diante de um inimigo muito mais forte a quem ele só se decide a afrontar quando é enganado pela deusa. Na seqüência de alguns erros fatídicos de Heitor, é a trapaça de Atena, antes que o desejo de glória do herói, o último responsável manifesto por esta morte.

Notas

- 1 - Este ensaio foi publicado pela primeira vez em português (tradução de Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen) na revista *Discurso* no. 9 (1979). Ele foi retomado em francês na obra coletiva *La mort, les morts dans les sociétés anciennes* (1982) dirigida por G.Gnoli e J.-P. Vernant. E ainda uma vez na antologia de J.-P. Vernant *L'individu, la mort, l'amour* (1989).
- 2 - J.-P. Vernant indica em seu ensaio o contexto, completamente diferente do da epopéia homérica, de onde ele tira esta denominação: as orações fúnebres atenienses. Sobre a pertinência desta apropriação (ou deste deslocamento) ver a crítica de Nicole Loraux em “Le point de vue du mort” in *Po&sie* 57.
- 3 - As traduções em prosa da *Ilíada* que proporemos aqui visam tão somente acompanhar minimamente a narrativa, evitando alterar em demasia os termos originais, mas sem a menor intenção de recriar a peculiar sintaxe ou o ritmo do hexâmetro homéricos. O texto grego adotado é o da *Bibliotheca Oxoniensis de Oxford*, editado por D.B. Munro e T.W. Allen.
- 4 - Esta citação requer uma observação de ordem, técnica: é que jamais encontraremos no texto grego a última frase citada por Vernant. Após ter retomado, com ligeiras alterações, a tradução de Paul Mazon para a primeira frase citada desta passagem, ele parece ter feito um resumo da segunda frase nesta mesma tradução. O texto grego, em nossa tradução demasiado prosaica, diz algo como: “E já que de fato e de qualquer modo estão para atacar milhares de *kêres* da morte, das quais um mortal não pode fugir nem escapar, vamos e ofereçamos a glória a alguém, ou alguém a ofereça a nós”. (*Il.* XII, 326-328).
- 5 - Achamos no entanto muito discutível aqui a idéia vernantiana de uma oposição entre uma *timé* ordinária e mundana representada pelas vantagens materiais e o prestígio social (“boa mesa, boas terras, bom vinho, lugares de honra, fama”) e uma outra *timé* metafísica representada por uma glória (*kléos*) que pode continuar a existir quando não se está mais neste mundo. Pois é a mesma mortalidade que também está na base do valor social atribuído ao risco que corre o guerreiro que combate nas primeiras filas. É justamente porque ele se expõe ao máximo perigo e arrisca assim irreversivelmente sua própria existência, que este guerreiro valente será recompensado pelas honras mundanas (que deviam aliás ser de um alto preço para estes gregos homéricos que não acreditavam em uma verdadeira sobrevida).
- 6 - A palavra grega, traduzida aqui por “glória”, não é *kléos* mas *eûkhos* que designa antes a vitória com a qual um guerreiro triunfa, e que se aproxima do verbo *eûkhomai* que tem o sentido de “exultar” e “se gloriar” mas também o de “fazer um voto ou uma prece”. Isso porém não invalida nosso raciocínio porque é muito pouco provável ouvir o *kléos* de quem deu, por sua morte, o *eûkhos* ao inimigo. Apenas Heitor irá sugeri-lo, mas precisamente nesta frase cuja interpretação por Vernant acabamos de criticar.
- 7 - É o que propôs demonstrar Nicole Loraux em “L’*Illiade* moins les héros” in *L’Inactuel* no. 1, ps. 37 a 41; e também Bénédicte Gros em *Ni fou, ni aveugle, ni criminel*, Mémoire de l’EHESS,

p.14.

- 8 - Seria preciso se perguntar se a mortalidade não estaria na origem de todo e qualquer valor atribuído a qualquer ato humano, como o sugeria com insistência V. Jankélévitch em seu tratado *La mort* e também, em uma espécie de redução ao absurdo, J.L. Borges no conto “El inmortal”.
- 9 - M.Heidegger o definiu bem, quando - na tradução espanhola de José Gaos - disse: “En primer lugar, no es la muerte como algo posible nada posiblemente ‘a la mano’ o ‘ante los ojos’, sino una posibilidad del ser del ‘ser ahí’. Pero, en segundo término, el curarse de la realización de este posible significaría necesariamente un efectivo dejar de vivir. Mas con esto se privaría el ‘ser ahí’ justo de la base para un existente ‘ser relativamente a la muerte’”. (Heidegger, 1951, p.258). Para cotejamento ver também a tradução francesa de F.Vézin (Heidegger, 1986, p.316).
- 10 - No universo da *Iliada* o feito heróico por excelência é matar, isto é dar morte ao inimigo, o que todavia não impede que atos menos diretamente violentos, como por exemplo o bem deliberar, sejam também dignos da memória do canto. No entanto, no universo “pós-guerra” da *Odisseia* o feito heróico é de uma outra natureza - mesmo se a relação com o perigo se mantém na aventura - uma vez que Ulisses adquire a glória por ter sabido evitar várias vezes uma pronta morte e ter podido assim voltar são e salvo à sua terra pátria.
- 11 - Em linguagem aristotélica, o imprevisível seria dito “o que pode ser diferente do que é, *to endekhómenon allôs ekheîn*” (Aubenque, 1963, p.65), o que será chamado de “contingência” por P.Aubenque.
- 12 - Como diz P. Aubenque, comentando Aristóteles, o homem é “(...) um ser de situação, que só pode viver os princípios no modo do evento e do singular”. (Aubenque, 1963, p.65). Para a relação entre a ação e as circunstâncias, ver o sub-capítulo 1, “A contingência”, do capítulo 2 do livro *La prudence chez Aristote* de P.Aubenque.
- 13 - Para a formulação desta lei que torna relativo o poder de qualquer herói, ver o artigo “*L’Iliade ou le poème de la force*” de Simone Weil.
- 14 - A escolha de uma “pronta morte” jamais é formulada por Aquiles. O próprio termo “pronta morte” é sugerido apenas negativamente quando, no fim da apresentação de seus dois destinos exclusivos, Aquiles diz que se ele se decide pelo retorno e a perda da glória, “(...) o fim da morte não poderá me atingir rapidamente”. (*Il. IX*, 416).
- 15 - A alta carga emotiva deste choro é indicada por dois símiles. O primeiro compara as lágrimas quentes de Pátroclo “(...) a uma fonte de água negra que descendo de alcantilada rocha verte escura água”. (*Il. XVI*, 3-4). No segundo, Pátroclo chorando é comparado por Aquiles a “(...) uma menina pequena que, correndo junto da mãe, pede para ser carregada, e, agarrando no vestido, segura a mãe apressada e olha chorando para ela a carregar”. (*Il. XVI*, 7-10).
- 16 - A escolha do herói coincide no entanto (paradoxalmente para nós) com a determinação de seu destino por Zeus. Durante o combate em torno do cadáver de Sarpédon, Zeus é mostrado decidindo o modo como Pátroclo morrerá. Antes da primeira matança de nove homens e após o comentário sobre o caráter *népios* de Pátroclo, o poeta comenta: “Mas sempre o desígnio de Zeus é mais forte do que o dos homens. (...) Ele, também esta vez, excita no peito seu coração”. (*Il. XVI*, 688,691). Para uma discussão detalhada da dupla motivação da ação heróica em Homero ver o ensaio *Göttliche und menschliche Motivation im homerischen Epos* de Albin Lesky.
- 17 - O sarcasmo do triunfo de Pátroclo parece assinalar, por sua violência, o esquecimento fatal do perigo e a aproximação da morte: “Ah! é muito ágil o homem e como pula com facilidade! Se ele estivesse em algum lugar no mar piscoso, este homem, buscando moluscos, a muitos saciaria, saltando da da nau, mesmo se fosse tempestuoso o tempo; assim agora do carro ele pula com facilidade na planície”. (*Il. XVI*, 745-749).
- 18 - Para uma discussão detalhada da relação entre Heitor e Polidamas e de todo o encadeamento do erro do maior herói troiano, remetemos ao capítulo IV, “O erro”, do livro *Nature and culture*

in the Iliad: the tragedy of Hector de James Redfield.

- 19 - A sequência imediata deste discurso de Heitor - que não é do narrador - contém a única formulação positiva da "morte gloriosa" na *Ilíada*: "Assim dirão; mas seria então para mim muito mais vantajoso: ou retornar, assassinando Aquiles em um face a face, ou pelas mãos dele morrer gloriosamente (*olésthai eukleîôs*) diante da cidade". (*Il.* XXII, 108-110).
- 20 - A imensa fragilidade de Heitor neste momento — o que confirma a objetividade do conselho de Príamo — é assinalada por este gesto de Aquiles: "(...) Para as tropas porém balançava negativamente a cabeça o divino Aquiles, e não deixava atirarem sobre Heitor os dardos amargos, de modo que ninguém, o atingindo, conquistasse a glória, e ele chegasse em segundo lugar". (*Il.* XXII, 205-207).

Referências bibliográficas

- AUBENQUE, Pierre. *La prudence chez Aristote*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- BORGES, Jorge Luís. "El inmortal" in *El Aleph*. Buenos Aires: Emecé, 1949.
- GROS, Bénédicte. *Ni fou, ni aveugle, ni criminel*. Paris: Mémoire (non publié) de l'E.H.E.S.S., 1993.
- HEIDEGGER, Martin. *El Ser y el Tiempo* (tradução de José Gaos). México D.F.: Fondo de Cultura Economica, 1951.
- HEIDEGGER, Martin. *Être et temps* (trad. de F.Vézin). Paris: Gallimard, 1986.
- HOMERI Opera: *Ilias*, tomi I et II (editores: David B. Munro e Thomas W. Allen). 1a. edição: Oxford: Oxford University Press, 1902, 17a. edição: 1989.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *La mort*. Paris: Flammarion, 1966.
- LESKY, Albin. *Göttliche und menschliche Motivation im homerischen Epos*. Heidelberg: C. Winter, 1961.
- LORAU, Nicole. "L'*Iliade* moins les héros" in *L'inactuel*, Paris, no.1, 1994.
- LORAU, Nicole. "Le point de vue du mort" in *Po&sie*, Paris, no.57, 1991.
- REDFIELD, James M. *Nature and culture in the Iliad: the tragedy of Hector*. Chicago: The University of Chicago Press, 1975.
- VERNANT, Jean-Pierre. "A bela morte e o cadáver ultrajado" (tradução de Elisa A. Kossovitch e João A. Hansen) in *Discurso* no.9. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.
- VERNANT, Jean-Pierre. "La belle mort et le cadavre outragé" in *La mort, les morts dans les sociétés anciennes* (organizado por G.Gnoli e J.-P.Vernant). Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1982. In *L'individu, la mort, l'amour* (de J.-P.Vernant). Paris: Gallimard, 1989.
- WEIL, Simone. "L'*Iliade* ou le poème de la force" in *La source grecque*. Paris: Gallimard, 1953.
- ASSUNÇÃO, T. R. Note critique à la "belle mort" vernantienne. *Classica*, São Paulo, 7/8: 53-62, 1994/1995.

RESUMÉ: Cet article vise à critiquer la conception de la mort héroïque proposée par J.-P. Vernant dans "La belle mort et le cadavre outragé". Il part de la discussion des concepts de mort et mortalité et essaie de démontrer que la gloire de la mort revient à celui qui tue et non pas à celui qui est tué. Il étudie ensuite les morts de Patrocle et d'Hector dans l'*Iliade* pour vérifier que, en tant que résultats d'erreurs commises par des héros qualifiés de *népioi*, elles ne sont nullement "glorieuses".

MOTS CLÉS: Mort héroïque, gloire, erreur, *Iliade*.
